



O Museu Henriqueta Prates e a reconstrução das narrativas históricas de Vitória da Conquista

Isaac Dias Martins do Carmo*¹, Anderson Macena de Souza¹, Antonio Marcos de Sousa Amorim Filho¹, Anita Mazzei Costa¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*isaac.carmo@uesb.edu.br

RESUMOS – GT1 ETNICIDADE, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO

Palavras-chave: Museu Regional. Patrimônio Cultural. Identidade.

O presente trabalho integra as discussões, reflexões e vivências com os bolsistas de extensão no processo de fomentar a troca cultural e reafirmar o Museu Regional de Vitória da Conquista – Casa Henriqueta Prates, como espaço de preservação de histórias, memórias e experiências. Recebendo cerca de quatro mil visitantes por ano, entre escolas, projetos sociais, Cras e universidades, o museu desempenha papel essencial na compreensão da história regional, especialmente no que tange às populações afro-brasileiras e indígenas. Por muito tempo, Vitória da Conquista esteve imersa no fascínio pela modernidade, e o progresso resultou na invisibilização de memórias e experiências que não se ajustavam a esse ideal, em especial a indígena. Povos como Ymborés, Mongoiós e Pataxós foram retratados apenas como coadjuvantes nas narrativas históricas, reforçando a centralidade dos colonizadores (Miguel, 2000). Nesse contexto, o Museu faz referência a uma mulher negra reconhecida por sua voz e protagonismo, atua como instituição comprometida com a preservação da memória e do patrimônio histórico de Vitória da Conquista e região. O museu tem assumido a função de zelar por uma memória social plural, que reconhece as múltiplas vozes que compõem a história local. Se contrapondo à tradição historiográfica positivista e evolucionista, torna-se um território de disputas simbólicas e reconstruções de sentido. As práticas desenvolvidas no espaço preservam tradições e identidades,



XXI SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

Espiraais da Pertença: Vinte anos de circularidade e debate da perspectivas étnicas e raciais no ODEERE

VII Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas : VIII Encontro de Religiões de Matriz Africana

VIII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero, Diversidade sexual -

V Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

III Festival das Artes: Ancestralidades em movimento : I Jequiê Zumba : Cantinho do Griô



funcionando como instrumentos de resistência cultural. O museu tem na sua trajetória, através das visitas guiadas, a proposta de atuar como espaço de construção ativa da memória coletiva, transformando o patrimônio cultural em elemento vivo de pertencimento. Para Silva (1992), a patrimonialização confere valor simbólico e coletivo aos objetos; e, segundo Halbwachs (1990), a memória é construída socialmente, sendo selecionada e mantida por grupos coesos. Assim, o Museu atua como mediador entre memórias individuais e coletivas, reunindo objetos, narrativas e experiências que compõem a história social de Vitória da Conquista. Mais que guardião do passado, consolida-se como agente ativo na construção das memórias sociais, permitindo que povos indígenas e afrodescendentes reivindiquem o direito à memória e reconstruam suas narrativas. O museu afirma-se, portanto, como território vivo de pertencimento, diálogo e reconhecimento.

Referencias

MIGUEL, Antonieta. **Sertão da Ressaca**: território do conflito in: **Ymboré, Pataxó e Kamakã**: A presença indígena no Planalto da Conquista. Org. Aguiar, Ednalva Padre. Museu Regional, 2002.

SILVA. Olga Brites da. **Memória, preservação e tradições populares**. In: **Direito à Memória**. São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

PAOLI. Maria Celia. **Memória, história e cidadania**: o direito ao passado. In: **Direito à Memória**. São Paulo. Departamento do Patrimônio Histórico, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.